



## CONCEPÇÕES DE EDUCAÇÃO PARA A SEXUALIDADE: UM ESTUDO COM PROFESSORES DOS ANOS INICIAIS DA EDUCAÇÃO BÁSICA EM FORMAÇÃO INICIAL

**Maria José de Souza Cravo**

Mestre em Biologia Tropical, doutoranda da REAMEC

*Universidade do Estado do Pará, mjscravo@gmail.com*

**Adrielle Souza Buriti Oliveira**

Graduanda do Curso de Licenciatura em Pedagogia

*Universidade do Estado do Pará,*

**Shayna Upton Monteiro**

Graduanda do Curso de Licenciatura em Pedagogia

*Universidade do Estado do Pará,*

### Resumo

O presente estudo procurou averiguar as concepções de discentes do Curso de Pedagogia da UEPA ofertado pelo PARFOR acerca do tema sexualidade infantil no contexto escolar. Investigou-se as concepções dos discentes sobre o papel do educador e da instituição escolar no tratamento da sexualidade infantil. Trata-se de um estudo descritivo com abordagem qualitativa. Os dados foram obtidos por meio de entrevista com questões abertas a trinta professores em formação inicial. A pesquisa evidenciou que os professores entrevistados precisam de mais fundamentação para trabalhar com o tema, mesmo conscientes que a orientação sexual é importante na escola. Eles associam a educação sexual aos aspectos biológicos do corpo humano, ligando o tema às aulas de Ciências Naturais, quando trabalham a reprodução humana e os órgãos sexuais. Portanto, existe a necessidade de um esforço por parte dos gestores educacionais no sentido da formação continuada voltada para a questão da sexualidade no currículo escolar.

**Palavras-Chave:** Orientação Sexual. Concepções sobre sexualidade. Prática docente.

### 1. Introdução

A sexualidade é uma dimensão da vida humana de suma importância em todas as fases do desenvolvimento humano e não pode ser desconsiderada, pois engloba pensamentos, sentimentos e ações. Por ser histórica e cultural, a compreensão da sexualidade humana é dinâmica e mutável. Portanto, não só no mundo adulto como também no infantil, o tema sexualidade tem singular valor.

A sexualidade no espaço escolar não se inscreve apenas em portas de banheiros, muros e paredes. Ela “invade” a escola por meio das atitudes dos alunos em sala de aula e da convivência social entre eles. Por vezes a escola realiza o pedido, impossível de ser atendido, de que os alunos deixem sua sexualidade fora dela. Segundo Egypto (2012, p. 14) “se a escola se omite, se não



## Origem do Trabalho: Curricular

trabalha o assunto, está deixando que essa sexualidade continue a ser trabalhada só informalmente, pelo que acontece em casa, na rua, pelo que se recebe da mídia”.

A temática em questão é complexa, e o educador geralmente demonstra dificuldade em abordar as questões relacionadas a ela. Ainda há o problema do desconforto quando a abordagem educativa envolve sexo; pois segundo Reis e Ribeiro (2002, p. 94), “temos que levar em consideração a falta de embasamento teórico-prático e a indisponibilidade dos professores para lidarem com questões sexuais, particularmente o fato de sentir-se pouco à vontade “para falar de sexo”

Assim sendo, pesquisas que tratem desta temática são importantes, pois a orientação sexual deve integrar a prática docente para ajudar as crianças e adolescentes em suas ansiedades, escolhas e estimula o jovem a pensar e a dizer o que pensa. Pois sabemos que falar de educação sexual sempre foi muito difícil, os estudos vão evoluindo e com eles os problemas acerca do assunto crescem de forma acentuada.

De acordo com Sayão (1997a, p. 101) e Sayão (1997b, p. 115), muitas escolas convocam Psicólogos ou contratam serviços de educação sexual com profissionais preparados para uma palestra, mas sabe-se que a eficácia desse trabalho é limitada, pois não existe continuidade. São os professores que se constituem interlocutores confiáveis para as questões da sexualidade; pois o trabalho do dia-a-dia é realizado por eles, são eles que podem contribuir para que seus alunos tenham uma visão positiva e responsável da sexualidade (SAYÃO, 1997).

Esses aspectos dessa questão motivaram a realização deste trabalho no qual se discute as concepções de professores dos anos iniciais da Educação Básica sobre a educação para a sexualidade. Portanto, tem como finalidade investigar as concepções dos professores sobre a educação para a sexualidade no conexo escolar. Foram informantes da pesquisa professores alunos do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica – PARFOR, que estão num processo de formação inicial. Foram desenvolvidas análises das concepções dos professores sobre a sexualidade na escola, buscando a compreensão da visão dos mesmos sobre o seu papel frente à educação para a sexualidade, identificando os elementos constitutivos da proposta para o tratamento da sexualidade infantil no ambiente escolar e por fim verificar qual o grau de importância dado pelos professores à orientação sexual na escola. Os dados foram obtidos através de entrevista solicitando-se aos professores que respondessem a três questões sobre o tema. As respostas foram sistematizadas e analisadas conforme os pressupostos da Análise de Conteúdo (Bardin, 1977).



## 2. A sexualidade no espaço escolar

Ainda na década de 90, mais precisamente em 1995, o Ministério da Educação (MEC) coordenou a elaboração dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) a serem apreciados pelo Conselho Nacional de Educação. O que em 1997, o Ministro da Educação e do Desporto, propôs os PCN's para o Ensino Fundamental e para todas as escolas do Brasil. Essa proposta inclui a educação sexual como um dos temas transversais a serem abordados no ensino fundamental de maneira articulada com as disciplinas.

Segundo o autor Sérgio Carrara (2009)

Sexualidade refere-se às elaborações culturais sobre os prazeres e os intercâmbios sociais e corporais que compreendem desde o erotismo, o desejo e o afeto até noções relativas à saúde, à reprodução, ao uso de tecnologias e ao exercício do poder na sociedade. As definições atuais da sexualidade abarcam, nas ciências sociais, significados, ideais, desejos, sensações, emoções, experiências, condutas, proibições, modelos e fantasias que são configurados de modos diversos em diferentes contextos sociais e períodos históricos. Trata-se, portanto, de um conceito dinâmico que vai evoluindo e que está sujeito a diversos usos, múltiplas e contraditórias interpretações, e que se encontra sujeito a debates e a disputas políticas. (p.112)

Nesse sentido Orientação Sexual na escola é um dos fatores que contribui para o conhecimento e valorização dos direitos sexuais e reprodutivos. Estes dizem respeito à possibilidade de que homens e mulheres tomem decisões sobre sua fertilidade, saúde reprodutiva e criação de filhos, tendo acesso às informações e aos recursos necessários para implementar suas decisões. Esse exercício depende da vigência de políticas públicas que atendam a estes direitos.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, em seu artigo segundo, referente aos Princípios e Fins da Educação Nacional, declara:

A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1997)

A sexualidade não pode ser vista e discutida somente na área de conhecimento das Ciências Naturais por meio da discussão da reprodução humana. Com isso cabe à escola desenvolver ação crítica, reflexiva e educativa a esses educandos.

Conforme o PCN (1992):

A sexualidade tem grande importância no desenvolvimento e na vida psíquica das pessoas, pois, além da sua potencialidade reprodutiva, relaciona-se com a busca do prazer,



## ABAETETUBA-PA

necessidade fundamental das pessoas. Manifesta-se desde o momento do nascimento até a morte, de formas diferentes a cada etapa do desenvolvimento humano, sendo construída ao longo da vida. Além disso, encontra-se necessariamente marcada pela história, cultura, ciência, assim como pelos afetos e sentimentos, expressando-se então com singularidade em cada sujeito. Indissociavelmente ligado a valores, o estudo da sexualidade reúne contribuições de diversas áreas, como Educação, Psicologia, Antropologia, História, Sociologia, Biologia, Medicina e outras.

Com a inclusão da Orientação Sexual nas escolas, a discussão de questões polêmicas e delicadas, em muito contribui para o bem-estar das crianças, dos adolescentes e dos jovens na vivência de sua sexualidade atual e futura, Egypto (2012) afirma que:

Para que a sexualidade passe a ser tratada seriamente e seja entendida e debatida pelo jovem, ela deve fazer parte da estrutura que a escola tem hoje. Porque se o assunto permanecer à margem, se ficar em momentos eventuais, não tem maior significado na vida dos alunos, nem dá conta das suas necessidades.

Para isso a escola, ao definir o trabalho com Orientação Sexual como uma de suas competências, o incluirá no seu projeto pedagógico. Isso implica uma definição clara dos princípios que deverão nortear o trabalho de Orientação Sexual e sua clara explicitação para toda a comunidade escolar. Esses princípios determinarão desde a postura diante das questões relacionadas à sexualidade e suas manifestações na escola, até a escolha de conteúdos a serem trabalhados junto aos alunos. A coerência entre os princípios adotados e a prática docente efetivada no dia a dia da escola deverá pautar todo o trabalho.

### 3. Concepções dos Professores sobre a sexualidade na escola

Esta pesquisa foi realizada no contexto da formação inicial de professores que já estão exercendo a docência e que fazem o curso de Pedagogia pelo Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica - PARFOR. Foram informantes trinta professores das séries iniciais da Educação Básica. As questões apresentadas aos informantes foram: 1ª) - O que você entende por sexualidade? 2ª) - Qual o papel do professor frente a sexualidade infantil ? 3ª) - Qual o papel da Escola no tratamento da sexualidade de crianças e adolescentes?

Em relação a primeira questão percebeu-se que o modelo de educação sexual de cunho biologista continua presente no cotidiano escolar. Segundo Kátia Krepsky Valladares (2001) essas temáticas sobre reprodução humana, anatomias do corpo humano estão no currículo de Ciências Naturais. Isso pode ser observado, pois quando questionados sobre o que eles entendem por sexualidade 56% dos professores entrevistados disseram *que é a mudança e/ou desenvolvimento do*



*corpo, um conjunto de transformações que acontecem na vida dos seres humanos.* Respostas com aspectos mais de cunho psicológico foram em torno de 20% , onde sexualidade entendida como *é o respeito de ambos os sexos, ou/e a escolha da personalidade de cada um.* Respostas com ênfase em aspectos afetivos foram em torno de 17% onde aparecem respostas como a *busca de sensações através do toque ou a necessidade de receber ou expressar afeto.*

Em relação a segunda questão notamos que 87% dos professores responderam que o professor tem que assumir uma atitude, sendo que 7% disseram que não se sentem preparados para orientar a criança em questões relacionadas à sexualidade e somente 3% disseram que é uma tarefa dos pais. Entretanto, no ambiente familiar a sexualidade pouco é discutida, para Suplicy (1995, p.33) “muitos pais acham difícil falar sobre sexo com os filhos. Educados em outra época, eles sentem dificuldade em agir de forma diferente, apesar de acharem que a educação que receberam não foi boa para eles e desejarem que tivesse acontecido de outra forma”.

Em relação a terceira questão 60% dos entrevistados disseram que a escola tem o dever de discutir e/ou dialogar com seus alunos a respeito da sexualidade e juntamente com a orientação e uma educação voltada para a realidade do aluno, sendo que 33% disseram que a escola deve promover ações educativas, favorecendo o desenvolvimento biopsicossocial e orientações para um sexo seguro. Somente 7% disseram que a escola deve manter cautela para auxiliar as famílias quando houver necessidade.

Como já sabemos a escola é o ambiente onde a interação com o mundo ao redor e com as pessoas que o cercam acontece. Depois do ambiente familiar é a escola que complementa a educação dada pela família e nela são abordados temas mais complexos que no dia a dia, tendo esta uma imensa responsabilidade na formação afetiva e emocional de seus alunos.

## Conclusão

A análise dos dados indica que os professores entrevistados tem clareza de sua responsabilidade e da responsabilidade da escola na orientação de seus alunos em relação ao desenvolvimento de sua sexualidade. Embora tenham, em sua maioria, concepções de sexualidade pelo viés da biologia, associando a educação sexual ao biológico interligando o tema às aulas de Ciências onde trabalham com a reprodução humana e os órgãos sexuais, estes não se excluem da tarefa de orientar seus alunos. Por outro lado, é perceptível a insegurança quanto ao exercício dessa tarefa.





Diante da dificuldade encontrada pela maioria dos professores entrevistados, entendemos que existe a necessidade de um esforço por parte dos gestores educacionais no sentido da formação continuada voltada para a questão da sexualidade no currículo escolar.

Essa formação poderia delimitar um tempo e um espaço dentro da escola, através de um projeto pedagógico, envolvendo todo o corpo docente e discente. Em torno de um tema único, cada professor dentro da sua área de conhecimento, poderia trabalhar um aspecto da questão. Desta forma o aluno teria uma visão mais ampla do tema e poderia estabelecer seus próprios critérios de valores.

É importante ressaltar que a Orientação Sexual realizada através da escola, não substitui nem concorra com a função da família, mas sim a complementa. A família, responsável pela educação sexual das crianças, tem valores que, de uma forma ou de outra, são passados para elas. A escola possui uma condição diferente da família, contudo cabe à escola discutir as questões ligadas à sexualidade, abordando diferentes pontos de vista, valores e crenças. Podemos dizer que são diferenciados os tratamentos dados à sexualidade, no espaço familiar e no espaço escolar.

### **Referências.**

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Pluralidade Cultural, Orientação Sexual** – Brasília: MEC/SEF, p. 164, 1992.

BRASIL, Ministério da Educação e Cultura. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Pluralidade Cultural e Orientação Sexual**. Brasília: MEC, 2001.

BRASIL, **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL, Ministério da Educação e Cultura. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, Brasília-DF/MEC/SEF, 1997.

CARRARA, S. **Gênero e diversidade na escola: formação de professoras/es em Gênero, orientação Sexual e Relações Étnico-Raciais**. Livro de conteúdo. versão 2009. – Rio de Janeiro: CEPESC; Brasília: SPM, 2009.

EGYPTO, Antonio Carlos. **Orientação sexual na escola: um projeto apaixonante**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2012.

REIS, G. V.; RIBEIRO, P. R. M. A orientação sexual na escola e os parâmetros curriculares nacionais. In: RIBEIRO, P. R. M. (Org.). **Sexualidade e educação sexual: apontamentos para uma reflexão**. Araraquara: FCL/ Laboratório editorial; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2002.

SAYÃO, R. Saber o sexo? Os problemas da informação sexual e o papel da escola. In: AQUINO, J. G. (Org.). **Sexualidade na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1997, p. 107-117.

SUPLICY, Marta. **Sexo para Adolescentes: Amor, Homossexualidade, Masturbação, Virgindade, Anticoncepção, AIDS**. 3 ed. São Paulo: FTD, 1995.